

SIBELLE MEYER LANA

Por uma ruptura ou fissura possível: caminhos da produção arquitetônica

Due to a possible rupture or fissure: paths of architectural production

Debido a una posible rotura o fisura: caminos de la producción arquitectónica

Sibelle Meyer Lana

Arquiteta e Urbanista pela Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (1988) com mestrado em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração Teoria e Prática do Projeto de Arquitetura e Urbanismo pela mesma instituição (2008). Doutoranda no mesmo programa (término previsto: dezembro 2023). É sócia do escritório Meyer Consultoria e Projetos. Coordenou o curso de pós-graduação em Arquitetura de Interiores do Centro Universitário UNA, e hoje leciona na escola de cursos livres JANELATIVA, da qual é sócia fundadora. Atua nas áreas de arquitetura e urbanismo, interiores e gerenciamento de projetos e obra civil.

Architect and Urban Planner from the School of Architecture and Urbanism of the Federal University of Minas Gerais (1988) with a master's degree in Architecture and Urbanism, area of concentration Theory and Practice of Architecture and Urbanism Design from the same institution (2008). PhD student in the same program (expected completion date: December 2023). She is a partner at Meyer Consultoria e Projetos. She coordinated the postgraduate course in Interior Architecture at Centro Universitário UNA, and today teaches at the free course school JANELATIVA, of which she is a founding member. She works in the areas of architecture and urbanism, interiors and project management and civil works.

Arquitecto y Urbanista de la Escuela de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Minas Gerais (1988) con maestría en Arquitectura y Urbanismo, área de concentración Teoría y Práctica del Diseño de Arquitectura y Urbanismo de la misma institución (2008). Estudiante de doctorado en el mismo programa (fecha prevista de finalización: diciembre de 2023). Es socia de Meyer Consultoria e Projetos. Coordinó el posgrado en Arquitectura de Interiores del Centro Universitário UNA y hoy enseña en la escuela de cursos libres JANELATIVA, de la que es miembro fundador. Trabaja en las áreas de arquitectura y urbanismo, interiores y dirección de proyectos y obra civil.

sibelle@meyercp.com.br

Resumo

Observa-se, atualmente, o saturamento do campo de trabalho de arquitetura. A cada ano, cresce o número de profissionais disponíveis, em função de vários agentes, dentre eles o crescimento do mercado educacional, com qualidade controversa. A reclusão, imposta pela pandemia da COVID 19, trouxe à tona a discussão sobre as qualidades de nossas habitações. Soma-se a isso, o surgimento de um mercado imobiliário com demandas mercadológicas, as mais variadas, desde o menor custo, com o máximo de aproveitamento do potencial construtivo, sem preocupação com a ambiência¹ dos projetos, até a produção de uma cenografia do espetáculo, onde prevalece a imagem publicitária². E qual seria o papel do profissional de arquitetura e urbanismo dentro deste novo quadro? Qual a sua função como cidadão, já que é responsável pela organização do espaço urbano, qual seja a finalidade específica da profissão. O presente artigo tem por objetivo discutir sobre a prática do profissional de arquitetura e urbanismo, em busca do entendimento do seu campo de trabalho e investigar sobre possibilidades de atuação do arquiteto dentro de uma outra *lógica da prática*³ possível. Para tal discussão utilizam-se os conceitos de *campo e prática*, da teoria social de Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: Arquiteto. Arquitetura contemporânea. Prática profissional. Pierre Bourdieu.

Abstract

Currently, the saturation of the architectural work field is observed. Every year the number of available professionals grows, due to several agents, including the growth of the educational market, with controversial quality. The confinement, imposed by the COVID 19 pandemic, brought to light the discussion about the qualities of our homes. Added to this, the emergence of a real estate market with the most varied marketing demands, from the lowest cost, with maximum use of the construction potential, without concern for the ambience of the projects, to the production of a scenography of the show, where prevails the advertising image. And what would be the role of the architecture and urban planning professional within this new framework? What is their role as a citizen, since they are responsible for organizing urban space, which is the specific purpose of the profession. The aim of this article is to discuss the practice of architecture and urban planning professionals, in search of an understanding of their field of work and to investigate possibilities for architects to act within another logic of possible practice. For this discussion, the concepts of field and practice, of Pierre Bourdieu's social theory are used.

Keywords: Architect. Contemporary architecture. Professional practice. Pierre Bourdieu.

1 Ver as críticas feitas por Ermínia Maricato em *O impasse das políticas urbanas no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

2 Ver ARANTES, Pedro. *Arquitetura na era digital-financeira: desenho, canteiro e renda da forma*. Tese Doutorado. FAUUSP. São Paulo, 2010.

3 MORADO, Denise. Uma leitura bourdieusiana da arquitetura. In: *Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação*. Organização Regina Maria Marteleto e Ricardo Medeiros Pimenta. - 01. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2017. p. 283-296.

Resumen

Actualmente se observa la saturación del campo laboral arquitectónico. Cada año, el número de profesionales disponibles crece, debido a varios agentes, entre ellos el crecimiento del mercado educativo, de calidad controvertida. El confinamiento impuesto por la pandemia del COVID 19 sacó a la luz la discusión sobre las calidades de nuestras viviendas. A esto se suma el surgimiento de un mercado inmobiliario con las más variadas exigencias de marketing, desde el menor costo, con máximo aprovechamiento del potencial constructivo, sin preocuparse por la ambientación de los proyectos, hasta la producción de una escenografía para el espectáculo. , donde prevalece la imagen publicitaria. ¿Y cuál sería el papel del profesional de la arquitectura y el urbanismo en este nuevo marco? ¿Cuál es tu papel como ciudadano, ya que eres el responsable de organizar el espacio urbano, cualquiera que sea el objeto específico de la profesión? El objetivo de este artículo es discutir la práctica de los profesionales de la arquitectura y el urbanismo, en busca de una comprensión de su campo de trabajo e investigar posibilidades para que los arquitectos actúen dentro de otra lógica de práctica posible. Para esta discusión se utilizan los conceptos de campo y práctica de la teoría social de Pierre Bourdieu.

Palabras clave: Arquitecto. Arquitectura contemporánea. Práctica profesional. Pierre Bourdieu.

Introdução

Segundo Benévolo (1972, p.223) o arquiteto e urbanista possui a atribuição de organizar o espaço da polis. A pandemia da COVID-19 ampliou o debate sobre a crise urbana, e, conseqüentemente, o papel do profissional de arquitetura na sociedade. Mais do que nunca, se faz necessária a existência de arquiteturas, cujos programas e estruturas urbanas estejam de acordo com as reais necessidades e interesses da sociedade. Diante do grande número de profissionais formados, todos os anos⁴, cabe compreender a relação entre a prática profissional e o mercado de arquitetura, bem como a interação do arquiteto com a obra arquitetônica, produto do seu ofício.

Considera-se, neste artigo, o sentido de trabalho dado por Hannah Arendt, o correspondente ao artificialismo da existência humana. De acordo com a autora:

O trabalho de nossas mãos (em contraposição ao labor corpo) – o homo faber que “faz” e literalmente “trabalha sobre” os materiais, em oposição ao animal laborans que labora e “se mistura com” eles – fabrica a infinita variedade de coisas cuja soma total constitui o artifício humano” (Arendt, 2007, p.149).

No entendimento da socióloga, o trabalho mental também se enquadra na qualidade do exercido pelo *homo faber*, uma vez que necessita das mãos para que seja transmitido. O trabalho produz um mundo *artificial* de coisas. Em arquitetura, as analogias para a compreensão de tal afirmação podem ser dispensadas. E, avançando-se um pouco além, pode-se dizer que o trabalho do arquiteto e seu produto, projeto, obra, pesquisa etc. - artefato humano - emprestem certa permanência e durabilidade à futilidade de vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano (Arendt, 2007, p.16).

A exemplo de Garry Stevens (2013), em o Círculo Privilegiado, utiliza-se a *caixa de ferramentas* de conceitos sociológicos, fornecida por Bourdieu, com os conceitos de *campo e prática*. O artigo tem por objetivo analisar o *modus operandi* dos agentes atuantes no campo onde se insere a arquitetura, objeto de trabalho, com vistas a formar um arcabouço que proporcione capital suficiente para o questionamento crítico da prática. Se não para uma ruptura, que seja ao menos uma fissura possibilitadora de abertura para outra *lógica da prática* possível.

O Campo

É certo que a arquitetura depende de fatos, porém seu verdadeiro campo de atividade se expande em significados. Espero que entendam que a arquitetura não tem nada que ver com a invenção de formas. Não é um campo de jogos para crianças, jovens ou adultos. A arquitetura é um verdadeiro campo de batalha do espírito. A arquitetura escreveu a história das épocas e as denominou. A arquitetura depende do seu tempo. É a cristalização da sua estrutura interior, o lento desdobrar de sua forma. Essa é a razão pela qual a tecnologia e a arquitetura estão tão intimamente ligadas. Nossa verdadeira esperança é que elas cresçam juntas, que algum dia uma seja a expressão da outra. Só, então, teremos uma arquitetura digna de seu nome: uma arquitetura como um símbolo do nosso tempo. (Mies van der Rohe apud Putuente, 2006, p.7)

⁴ Para dados, ver o artigo: Quase 300 cursos de Arquitetura e Urbanismo no país: como tratar a qualidade com tanta quantidade? Algumas questões sobre qualificação e ensino no Brasil de Gogliardo Vieira Maragno na Revista Vituvius. 161.07 ensino, ano 14, out. 2013. Disponível em <https://www.vituvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.161/4930>. Acessado em 10/11/19.

Os conceitos de *habitus e campo*, de Bourdieu, se encontram entrelaçados. O *habitus* de um indivíduo se configura no somatório da sua biografia social, herança cultural e a sua formação escolar. Ou seja, aquilo que somos, a maneira como as pessoas agem, individual ou coletivamente, ou, em outras palavras, a vivência do indivíduo.

O *habitus* é referido a um campo e se acha entre o sistema imperceptível das relações estruturais, que moldam as ações e as instituições, e as ações visíveis desses atores, que estruturam as relações (Thiry-Cherques, 2006, p.35).

Para o sociólogo, *campo* é a arena da disputa entre agentes dotados de um mesmo *habitus*. A posição de um agente no campo tanto causa como resulta o *habitus* do mesmo. Ela conforma e indica o *habitus* da classe e da subclasse em que se posiciona o agente (Thiry-Cherques, 2006, p.36). O jogo das classes se desenvolve na arena da cultura, e a posição de um agente depende do seu capital cultural, que, por sua vez, está diretamente relacionado ao econômico, social e político. Para Bourdieu, *poder* seria a capacidade de um agente de impor uma definição específica da realidade, desvantajosa para outros, e a manipulação de símbolos, conceitos e ideias para este fim, se manifesta através do *poder simbólico*. As batalhas simbólicas da sociedade ocorrem no campo da cultura (Stevens, 2003, p.74). Mas, o indivíduo (ser biológico) detentor de determinado capital social, pode acrescentar valor ao seu patrimônio hereditário, conseguindo agregar prestígio à capacidade inata e mérito à aquisição. Desta forma, seu capital social, apresenta um grau de *dissimulação* mais elevado do que o econômico, com predisposição para operar como capital simbólico (Nogueira et al, 1998, p.83)

Em seu livro, O círculo privilegiado, Garry Stevens usa *arquitetura* para se referir aos indivíduos envolvidos na construção de artefatos. Nela o autor engloba as estruturas imediatas, nas quais esses indivíduos se inserem, e os discursos dos quais participam (Stevens, 2003, p.10). Aqui nos referimos aos arquitetos como sendo um dos agentes ⁵responsáveis pela produção desta arquitetura. Não existe um campo da arquitetura, mas um campo onde a arquitetura se insere.

Stevens (2003, p.72) apresenta uma figura ilustrativa da relação entre *habitus*, estruturas e as práticas segundo Bourdieu:

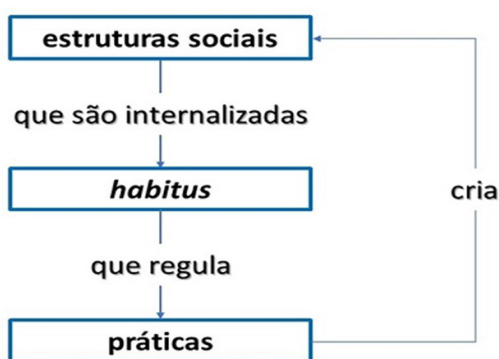


FIGURA 1 –Relação do *habitus* com as estruturas e as práticas, segundo Pierre Bourdieu.

Fonte: produzido pela autora com base em Stevens (2003, p.72).

Stevens (2003, p.143), em sua análise, concebe o ambiente arquitetônico de forma análoga à concepção de Bourdieu do espaço social: local onde operam ambos os recursos, simbólico e econômico. Assim, considera o campo da arquitetura como local onde os agentes buscam pela acumulação de capital simbólico ou econômico, como forma de hegemonia.

⁵ Dá-se preferência ao termo agente, dentro da concepção de Bourdieu onde os “indivíduos são agentes à medida que atuam e que sabem que são dotados de um senso prático, um sistema adquirido de preferências, de classificações, de percepção” (Thiry-Cherques, 2006, p.34).

A prática

O projeto arquitetônico se configura no atendimento de um programa, inserido em determinado sítio, através de um sistema construtivo específico. Ao projetar, o arquiteto primeiro analisa as premissas, ou condicionantes, e identifica um problema arquitetônico a ser trabalhado. Aravena destaca que a qualidade da arquitetura está diretamente relacionada com a formulação correta do problema arquitetônico a ser trabalhado no projeto. Porém, o ato de projetar vai além da simples resolução de problemas, ele engloba vários agentes e soluções possíveis (Reyes, 2015), se configurando em um processo de análise das soluções e tomadas de decisões. O que é corroborado por Bucci (2010, p.130), ao considerar ser o projeto arquitetônico elaborado através de encadeamentos sucessivos, coordenados pelas operações formuladas. Desta forma, entende-se o projeto arquitetônico não somente como o resultado de um determinado processo, mas como sendo o próprio processo.

Stevens (2003) critica os estudos em arquitetura por, segundo ele, se resumirem à obra. Porém, Ruth Verde Zein, em seu texto: *Há que se ir às coisas: revendo as obras*, chama atenção para o crescimento do número de pesquisas em projeto e análise de obras como ferramenta metodológica na conexão entre pesquisa e projeto, duas atividades familiares ao arquiteto. Para a autora, de certa maneira, tanto a reflexão crítica quanto a ponderação teórica, nos melhores casos, tendem a transbordar o ato da produção projetual (Zein, 2018, p.5). Mas, a autora destaca a importância de se referenciar a obra durante o processo de análise. O conhecimento, profundo, da obra se dá a partir de determinado nível de reconhecimento referenciado sobre a mesma, durante a pesquisa (ZEIN, 2018, p.16). Além de Zein, Richard Foqué (2010), apresenta estudos e propostas de várias décadas sobre o tema da investigação projetual; Doris Kowaltowski (2011) estuda o processo de projeto em arquitetura, e, Paulo Reys (2015) propõe pensar o projeto como instrumento capaz de problematizar novas questões e desenvolver ferramentas para construção de diferentes respostas às demandas sociais do território.

A reflexão sobre a prática arquitetônica tem sido objeto de estudo ao longo dos anos. Vários estudiosos, críticos e arquitetos têm dado sua contribuição ao campo. Em continuidade, ao proposto por Stevens (2003) em sua análise da dinâmica das práticas, onde a transmissão do capital intelectual se configura em uma das formas de reprodução do campo, destacam-se, aqui, os *discursos* de alguns *mestres*, reconhecidos pelo campo, para ilustrar a linha de pensamento proposta.

Walter Gropius: relação entre arquitetura e política

Apenas quando vivendo numa vizinhança bem integrada, pode o cidadão de hoje experimentar e aprender o procedimento democrático de “dar-e-tomar”. As unidades de vizinhanças saudáveis são, portanto, os canteiros de semente naturais para as relações humanas melhoradas e padrões mais altos de vida. Elas ajudam a desenvolver um senso de lealdade comunitária, a qual encontra expressão em ação harmônica para o progresso cívico e social. (Gropius, 1955, p.137 – tradução nossa)⁶

Segundo Gropius (1955) a construtividade é um caráter da atividade humana, e, assim, a arquitetura seria a expressão deste caráter. O arquiteto acredita na função pedagógica da arquitetura, para qual se faz necessária a relação arquitetura-

⁶ Only when living in a well-integrated neighborhood, can the citizen of today experience and learn the democratic procedure of “give-and-take”. Healthy neighborhood units are, therefore, the natural seed beds for improved human relations and higher standards of expression in concerted action for social and civic progress.

democracia. Para ele, o arquiteto do futuro deve trabalhar como coordenador de uma equipe interdisciplinar, a partir dos aspectos sociais. Ao trabalhar em equipe, ocorre a troca de experiências e críticas, que valorizam o trabalho do arquiteto. A liderança não seria um talento nato, mas estaria diretamente relacionada à convicção de servir.

O verdadeiro arquiteto ou planejador, para Gropius (1955, p.185), deve ter uma visão ampla e abrangente, a fim de alcançar a síntese verdadeira de uma comunidade futura. A isto, deveríamos chamar de *arquitetura total*.

Benévolo e Le Corbusier: arquitetura e realidade

A permanência do contato com a realidade, implica na manutenção da referência aos modos concretos de agir (Benévolo, 2004, p. 103-104). Para tal, Benévolo (2004) propõe como fio condutor uma carta de Le Corbusier de seis de outubro de 1953 [ver figura 2], onde cita três deveres dos arquitetos:

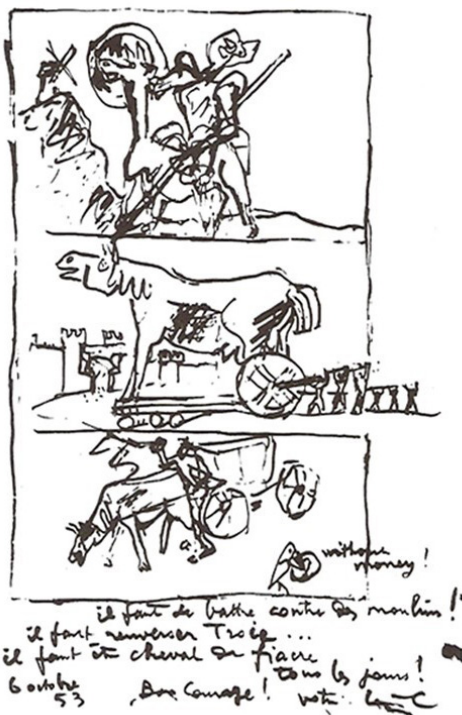


FIGURA 2 – Uma carta ilustrada de Le Corbusier.

Fonte: Benévolo (2004, p. 104)

1 – “*Il faut se battre contre les moulins*” (é preciso que se combata os moinhos de vento). Ou seja, se faz necessário ir contra regras pré-estabelecidas, buscar polemizar e encontrar, na pesquisa projetual, novas soluções dentro da realidade na qual se trabalha.

O arquiteto não pode se colocar à margem da realidade em que vive. Seu *modus operandi* se reflete diretamente na forma, custo e distribuição da ocupação do espaço. Como, por exemplo, a proposta de Jonh Turner (1989) de trabalhar com a *autogestão local*, onde o arquiteto exerce o papel de habilitador no processo, ao compartilhar seus conhecimentos.

2 – “*Il faut renverser Troie*” (Tróia deve ser derrubada). Não basta polemizar. A proposição de um novo método deve ser testada e obter êxito em algum caso de fato. Não se pode trabalhar apenas no campo empírico.

“A renovação da arquitetura exige intransigência, mas também astúcia e oportunismo para entrar nas muralhas de Tróia” (Benévolo, 2004, p. 107).

3 – “*Il faut être cheval de fracre, tous les jours*” (devemos ser *burros de carga* todos os dias). A solução de qualquer problema não se constitui em tarefa simples, demanda esforço e leva tempo para ser encontrada. Além de, atualmente, ser indispensável uma cooperação, uma interdisciplinaridade entre as diversas áreas do saber. Mais do que nunca, há necessidade de trabalho em equipe, pois, os arquitetos sozinhos não resolverão os problemas atuais, além de os mesmos serem de ordem geral.

Não se deve abandonar a ideia renascentista e eclética da harmonia, mas refundi-la no labor cotidiano, como a gentileza e o bom humor no decurso de um árduo trabalho. (Benévolo, 2004, p.112).

John Freidmann: arquitetura e mobilização social

Após várias modificações, ao longo dos anos, de acordo com Friedmann (1987), o planejamento urbano se apresenta como uma prática possuidora de duas vertentes: uma prioriza a técnica e outra a racionalidade social. Emprega-se a primeira como um guia para a sociedade, nela age-se através do Estado. Já a segunda, mais ambígua, surge como uma epistemologia sem uma aplicação formal. No início, tem por objetivo ser aceita como paradigma para profissionais que trabalham com os movimentos sociais.

Segundo o autor, a tradição do planejamento de mobilização social (MS) engloba três movimentos: o materialismo histórico, o anarquismo social e o utopismo. Nota-se que John Friedmann situa Paulo Freire na linha destes três movimentos [ver figura 3], o que ressalta a importância da interdisciplinaridade no exercício da profissão.

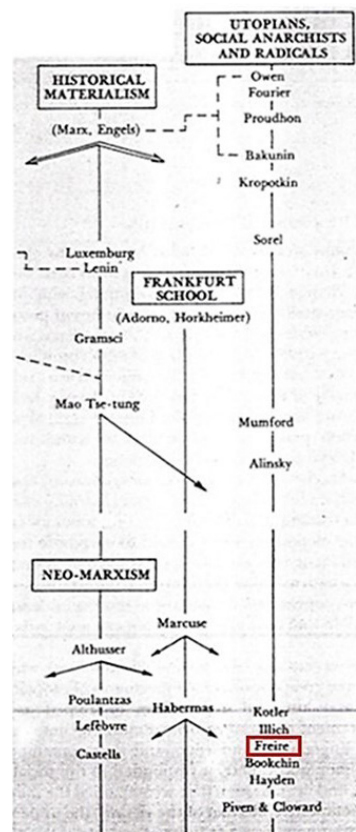


FIGURA 3 –A mobilização social tradicional do planejamento.

Fonte: Friedmann, 1987, p. 226, editado pela autora.

Friedmann (1987, p. 389-391) demonstra a necessidade de se impregnar a *prática radical* com a teoria. Uma vez que, ela não se sustenta sem uma *teoria de transformação social*. Segundo o autor, tal teoria transformadora possui como características própria:

- linguagem expressiva capaz de alcançar as pessoas comuns;
- consistência na interrelação de suas diversas partes;
- compreensão, com respeito, das principais variáveis relevantes para o sistema de transformação;
- formulação possibilitadora de adaptação da teoria geral, em unidade ou tópicos específicos.

Desta forma, o planejamento radical se constitui na *mediação* entre a teoria e a prática em transformação social. O planejador *mediador*, portanto, necessita possuir, em seu currículo, aptidão para análise, síntese, comunicação e gerenciamento em processos de grupo.

Mas no planejamento radical, o conhecimento relevante, embutido como está em uma teoria transformativa, é sempre e necessariamente contextual: aponta para uma direção, considera estratégias, objetiva alcançar um entendimento crítico do presente e do futuro próximo, e é informado dos valores sociais específicos. Esta contextualização do conhecimento é um profundo processo social no qual aqueles que estão na linha de frente da ação – donas de casa, comunidades locais, movimentos sociais – contribuem de forma decisiva. São estes usuários do conhecimento-na-prática que são os árbitros finais do conhecimento-na-teoria. São eles que devem se apropriar criticamente da teoria e adaptá-la as suas necessidades. (Friedmann, 1987, p.394).

Mesmo quando se altera o foco, a integração entre teoria, prática e observação se dá em um processo contínuo. O *planejador radical*⁷ deve contribuir para o surgimento de uma *consciência crítica*⁸ na comunidade. Seu diálogo com a comunidade usará o vocabulário daqueles engajados nas lutas comunitárias, numa relação horizontal e principalmente de confiança⁹. Este diálogo permite a troca de conhecimento entre *ator* e *planejador*; processo denominado por Friedmann (1987, p.395) de *transactive planning*.

A transformação social, de acordo com Friedmann (1987, p.395-400), se dá através da ação local de pequenos grupos, como por exemplo, as pequenas cooperativas autônomas ligadas em rede. O autor aponta três dilemas dos planejadores radicais:

- distanciamento crítico – como mediadores, os planejadores devem manter uma certa distância dos grupos;
- questionamento – os mediadores devem se questionar indefinidamente;
- unidade – os mediadores necessitam da habilidade de conviver com as contradições, críticas e afirmações, que devem ser unidas dialeticamente.

Quando se fala de planejamento radical, o discurso precisa sair do tradicional – manipulador da sociedade. A habitual relação dialética entre teoria e prática deve ser substituída pela ligação entre conhecimento e ação. O planejamento radical, objetiva a transformação estrutural do capitalismo industrial na autoprodução da vida, no resgate da política comunitária e na autoconfiança coletiva no contexto das preocupações globais comuns (Friedmann, 1987, p.412).

7 Paulo Freire utiliza o termo “educador radical”

8 Crítica no sentido de reflexão crítica sobre a prática, condição para uma relação produtiva entre Teoria/Prática, segundo Paulo Freire (1996).

9 O que Friedmann denomina confiança, Paulo Freire denomina simpatia, item importante nos relacionamentos.

Rafael Moneo: arquitetura e pensamento crítico reflexivo

Em seu livro, *Inquietação teórica e estratégia projetual* na obra de oito arquitetos contemporâneos, o professor e ganhador do Prêmio *Pritzker* e do *RIBA Gold Medal*, Rafael Moneo, apresenta a coletânea de suas aulas, onde analisa as obras dos arquitetos selecionados à procura de mecanismos, procedimentos, paradigmas e artefatos formais, reincidentes na obra dos arquitetos contemporâneos (Moneo, 2008, p.9). No livro, o autor tece uma reflexão crítica sobre a trajetória de cada um dos arquitetos, onde os contextualiza e analisa não apenas o produto final, mas também considera seu processo de produção.

Alguns dos arquitetos selecionados por Moneo, além da prática, também possuem uma produção teórica, como o caso de Venturi, Aldo Rossi e Rem Koolhaas. Em sua análise, Moneo, contempla o cotejamento entre a teoria e a prática.

Conclusão

Todo conhecimento inefável pode até ser muito valioso para quem o detém; mas não sendo transmissível falha na missão de ser divulgado, compartilhado, contestado e referendado. (Zein, 2018, p.22)

Em que pese a indiscutível importância da obra de Stevens (2003), por chamar atenção para a necessidade de uma sociologia da arquitetura, onde os agentes envolvidos no campo devem ser devidamente identificados e analisados, seria sua crítica diferente se recaísse sobre outro campo? A prática se caracteriza como lugar da dialética, nela se encontram os traços da sociedade, seu *opus operantun*. Se faz necessário o entendimento da lógica da racionalização existente na estruturação de um sistema cultural, que reforça as diferenças. O conhecimento da realidade e, por conseguinte, sua compreensão é fundamental. Para Paulo Freire (2005), todo homem, alfabetizado ou não, possui uma relação com e na realidade, relação de sujeito para com o objeto. A compreensão de tal relação, gera uma ação; logo a natureza da ação corresponde à natureza da compreensão. Por isso, ele defende uma *educação para a decisão*, para a responsabilidade social e política (Freire, 2005, p.96).

Segundo Nogueira *et al* (1998, p.88):

As estratégias de reconversão do capital econômico em capital cultural, que estão entre os fatores conjunturais da explosão escolar e da inflação de diplomas, são comandadas pelas transformações da estrutura das oportunidades de lucro asseguradas pelas diferentes espécies de capital.

Cabe ressaltar a necessidade de mais algumas décadas para se analisar o reflexo gerado no campo pelo aumento expressivo do número de alunos, com bagagens tão díspares, formados atualmente. O cenário global, depois da crise de 2008¹⁰, e da pandemia da COVID 19, se alterou significativamente. Surgem novas agendas, como a da arquitetura sustentável, ou verde e, mais recentemente, o planejamento ambiental ou planejamento ecológico da paisagem. Estes temas começaram a fazer parte das políticas públicas, mesmo que como parte de uma agenda oculta neoliberal.

O Brasil viveu um processo de inclusão social, realizado através do consumo. Atualmente, através da televisão¹¹, nota-se o surgimento de um novo mercado

¹⁰ Uma vez que as análises devem ser situacionais, cabe aqui salientar que o livro de Stevens foi escrito em 1998 e publicado no Brasil em 2003.

¹¹ De uns anos para cá, com a proliferação dos canais de TV por assinatura, vários programas de construção, reforma, decoração e arrumação de casas passaram a integrar a grade de programação de alguns canais.

consumidor de arquitetura. Situa-se onde os clientes possuem capital simbólico e cultural, assim como econômico diferente do tradicionalmente observado. Talvez esta nova geração de diplomados possa abrir espaço para um mercado de novas práticas¹².

Segundo Serapião (2019, p.176) o oxigênio atual vem de coletivos de jovens arquitetos trabalhando com plataformas. Eles se enquadram numa tendência universal entre profissionais recém-formados, com foco de atuação em ocupações destinadas à habitação social e espaços públicos, dois temas centrais para o Brasil. Mas o autor alerta para o *enigma da viabilidade econômica*.

Observa-se, atualmente, a presença de escritórios, ainda que em pequeno número, de arquitetos associados, onde o nome do escritório não faz referência ao dos profissionais. Como por exemplo os escritórios Super Limão, Mapa, Metro, Bloco e Hemisfério. Não se trata de um anonimato, mas, no mínimo, de uma não valorização da estrela. Além disso, vários escritórios protagonizados por mulheres, sem sócios homem, começam a chamar a atenção da crítica brasileira e internacional.

O Prêmio Pritzker, que segundo o site Archdaily¹³ seria o reconhecimento mais importante que um arquiteto(a) pode receber em vida. Em 2016, foi dado ao arquiteto Alejandro Aravena, em função de um projeto que redefiniu a economia da habitação social. Em 2017, pela primeira vez, o prêmio foi concedido a um trio de arquitetos, Carmem Pigen, Rafael Aranda e Ramon Vilata (RCR Architects). O arquiteto Indiano Balkrishna Doshi, foi agraciado em 2018, por unir a pré-fabricação e o artesanato local através da utilização de vocabulário em harmonia com a história, cultura, tradições locais e os tempos de mudança de seu país¹⁴. Em 2022, durante a entrega do prêmio, Aravena¹⁵ afirmou estar a comissão julgadora expandindo a sua *caixa de ferramentas*. Ele destacou a importância da contribuição do arquiteto burquinês Francis Kéré para o surgimento de novos modelos de enfrentamento dos desafios contemporâneos, por mostrar outro caminho possível.

O *habitus* é relativamente autônomo, não é destino. Apesar de duradouro, pode ser transposto à medida que se transforma e abre a possibilidade de ruptura (Thiry-Cherques, 2006). Cabe aos arquitetos, enquanto *agentes do campo*, encontrar a *prática* que permita, se não a ruptura, no mínimo uma fissura possível.

Referências

ARANTES, Pedro. **Arquitetura na era digital-financeira**: desenho, canteiro e renda da forma. Tese Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 2010.

ARENDR, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

AsBEA – Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura. **Manual de Contratação dos Serviços de Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo: Pini, 2000.

¹² Ver sobre o trabalho desenvolvido pela arquiteta Laura Beringuer, com escritório de arquitetura no morro da Babilônia no Rio de Janeiro. Ateliê de Arquitetura de Favela, disponível em <http://www.marciapeltier.com.br/arquiteta-na-favela-conexao-paris-morro-da-babilonia/> ou <https://www.youtube.com/watch?v=3SKrbGUrxLA>.

¹³ <https://www.archdaily.com.br/br>, site específico de arquitetura.

¹⁴ Ver <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/tag/balkrishna-doshi>. Acessado em 10/11/19.

¹⁵ Cano, Paula. "Prêmio Pritzker divulga vídeo da cerimônia de premiação de Francis Kéré" [The Pritzker Architecture Prize Releases Ceremony Video to Honor 2022 Laureate, Francis Kéré] 20 Set 2022. ArchDaily Brasil. (Trad. Gagliardi, Walter) Acessado 23 Set 2023, disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/988995/premio-pritzker-divulga-video-da-cerimonia-de-premiacao-de-francis-kere>.

BENÉVOLO, Leonardo. **Introdução à Arquitetura**. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

BENÉVOLO, Leonardo. **A cidade e o arquiteto: método e história na arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2004. (Debates; 190).

FOQUÉ, Richard. **Building Knowledge in Architecture**. 2010. E-book. Acesso Restrito. Disponível em: <https://ebookcentral.proquest.com/lib/ufmgbr/detail.action?docID=4445858>. Acesso em: 10 nov. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31.ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRIEDMANN, John. **Planning in the public domain: from knowledge to action**. New Jersey: Princeton University Press, 1987.

GROPIUS, Walter. **Scope of total architecture**. New York: Harper & Brothers, 1995.

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K., MOREIRA, Daniel de Carvalho, PETRECHE, FABRICIO, Marcio M. (orgs). **O processo de projeto em arquitetura: da teoria à tecnologia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

MACIEL, Carlos Alberto. **Arquitetura, projeto e conceito**. Revistas Vitruvius, dezembro de 2003. Disponível: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.043/633>. Acesso em 19/02/19.

MONEO, Rafael. **Inquietação teórica e estratégia projetual na obra de oito arquitetos contemporâneos**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MORADO, Denise. Uma leitura bourdieusiana da arquitetura. In: **Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação**. Organização Regina Maria Marteleto e Ricardo Medeiros Pimenta. - 01. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2017. p. 283-296.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Pierre Bourdieu**. Escritos em Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

PUENTE, Moisés. **Conversas com Mies van der Rohe: certezas americanas**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

SEGNINI JR., Francisco. **A prática profissional do arquiteto em discussão**. Tese (Doutorado). São Paulo: FAUUSP.

SERAPIÃO, Fernando. In: **Infinito vão: 90 anos de arquitetura Brasileira**. Orgs Fernando Serapião e Guilherme Wisnik. São Paulo: Monolito, 2019. p. 166-177.

SOUZA, Jaqueline A. Diorio. **A Prática Profissional do Arquiteto no Brasil**. O debate em revistas especializadas (1962-1966). Dissertação (Mestrado). São Carlos: Instituto de Arquitetura e Urbanismo, USP, 2013

STEVENS, Garry. **O círculo privilegiado: fundamentos sociais da distinção arquitetônica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

THIRY-CHERQUES, H. R. **Pierre Bourdieu: a teoria na prática**. RAP, Rio de Janeiro, n.40, v.1, p.27-55, jan./fev. 2006.

TURNER, Jonh F. C. Da provisão centralizada à autogestão local. In: Mascaro, Lúcia (coord.). **Tecnologia e arquitetura**. São Paulo: Nobel, 1989.

ZEIN, Ruth Verde. Há que se ir às coisas. In: **Leituras críticas**. Org. Abílio Guerra et al. São Paulo: Romano Guerra, 2018.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 25/09/2023

Aprovado em 29/11/2023